

ONE FROM THE HEART / 1982

(Do Fundo do Coração)

um filme de Francis Ford Coppola

Realização: Francis Ford Coppola / **Argumento:** Armyan Bernstein e Francis Ford Coppola, baseado numa história do primeiro / **Direcção de Fotografia:** Vittorio Storaro e Ronald V. Garcia / **Direcção Artística:** Dean Tavoularis e Ângelo Graham / **Cenários:** Leslie McCarthy-Frankenheimer e Gary Fettes / **Música:** Tom Waits / **Som:** Richard Beggs e Thomas Scott / **Montagem:** Anne Goursaud, Rudi Fehr e Randy Roberts / **Efeitos Especiais:** Robert Swarthe / **Interpretação:** Frederic Forrest (Hank), Teri Garr (Frannie), Raul Júlia (Ray), Nastassja Kinski (Leila), Lainie Kazan (Maggie), Harry Dean Stanton (Moe), Luana Anders (cabeleireira), Edward Blackoff (cliente do restaurante), Carmine e Itália Coppola (casal no elevador), Rebecca DeMornay (uma cliente no restaurante), etc.

Produção: Zoetrope Studios / **Produtores:** Gray Fredrickson e Fred Roos / **Cópia:** digital, colorida, com legendas em francês e legendagem eletrónica em português, 98 minutos / **Estreia em Portugal:** Apolo 70 e Satélite, a 23 de Março de 1983.

One from the Heart é um filme indissociável daquele que foi o grande sonho – e que posteriormente se não foi um grande pesadelo foi quase – de Francis Ford Coppola: os Zoetrope Studios, o estúdio com que pretendia reanimar, à sua medida, os grandes estúdios hollywoodianos da época clássica. Está suficientemente documentada, em relatos históricos e biográficos, a famosa megalomania de Coppola. O sonho dos Zoetrope Studios era a expressão máxima dessa megalomania: uma enorme “fábrica de cinema de autor”, que acolheria cineastas do mundo inteiro, sob a égide de um Coppola assim transformado em grande patrono do cinema mundial. Mas era também, ou na prática foi sobretudo, uma grande confusão, com claros e gravíssimos problemas de gestão – os relatos de Wim Wenders (que por lá realizou o seu **Hammett**) ou de Jean-Luc Godard (que por lá andou quando tentava pôr de pé o seu projecto de filme americano) são, nesse aspecto, elucidativos. O “fim do sonho”, sabe-se como foi. Aconteceu relativamente depressa, e Coppola passou praticamente o resto da carreira enredado em dívidas.

O enorme “flop” de **One From the Heart** foi uma peça decisiva na engrenagem da falência dos Zoetrope Studios. Para lá disso, o seu fracasso comercial ficou também como símbolo do fim do período dourado de Francis Ford Coppola, que vinha de uns anos 70 gloriosos (os **Godfathers I e II, Apocalypse Now...**) e assim foi forçado a entrar nos anos 80 como um remediado. Mas desse sonho que foram os Zoetrope Studios, **One From the Heart** continua a aparecer-nos hoje como a sua mais candente expressão cinematográfica. É, de certa forma, um filme feito à glória desses estúdios, como se fosse uma espécie de hino – e de hino também ele megalómano, como o atesta a inacreditável reconstituição de Las Vegas

que nele podemos ver. Quando, imediatamente antes do genérico final, se correm as cortinas sobre a "acção", as primeiras inscrições que aparecem no écran dizem que **One From the Heart** "foi inteiramente filmado nos Zoetrope Studios". E, mais do que a informação para conhecimento do espectador, soa quase a uma assinatura, a afirmação de um enorme orgulho. **One From the Heart** é, nesse sentido, o mais grandioso e mais megalómano (ainda mais do que os **Godfathers** ou **Apocalypse Now**) filme de Coppola, porque é o filme em que, de modo expresso, ele canta a sua própria grandeza e a grandeza dos seus próprios sonhos.

E canta-o no mais propício dos géneros, o musical. Porventura também aquele, de entre todos os géneros clássicos, que no princípio da década de 80 mais inanimado se encontrava (e sabe-se que, desde então, em especial nos anos 90, várias tentativas de "reinvenção" do musical se foram registando nos mais diversos quadrantes – nalguns casos com provável influência de **One From the Heart**). Não temos que tentar explicar as razões do "flop" que o filme constituiu, mas é difícil imaginar que esta releitura dos códigos do musical clássico, ainda por cima alimentada pela música altamente melancólica de Tom Waits, interpretada por um par de actores (Frederic Forrest e Teri Garr) que não só não eram vedetas como, antes ou depois deste filme, fizeram quase sempre papéis secundários – é difícil imaginar, dizíamos, que um filme assim (onde também não se "vê" o dinheiro nele gasto, contrariando uma famosa regra hollywoodiana) pudesse ser um sucesso comercial. É caso para dizer que Coppola, em todos os seus sonhos, terá sido sobretudo enganado pela visão – pelo sonho – de um público que manifestamente não existia.

E **One From the Heart** é mesmo um sonho, uma longa divagação nocturna por uma Las Vegas de estúdio, tão real ou tão falsa quanto a verdadeira Las Vegas. Um sonho que tinha tudo para ser, de facto, revolucionário, porque este também é o filme em que Coppola sonha com o "cinema do futuro" (na altura, Coppola falou em "cinema electrónico", expressão que hoje, em tempo de cinema digital, parece um delicioso arcaísmo). Vemos aqueles planos em que os reflexos nos espelhos asseguram a continuidade de uma cena para outra e lembramo-nos que Coppola sempre foi um obcecado pelos "raccords" (os famosíssimos "raccords" de **Bram Stoker's Dracula**, por exemplo). E aqui, no meio das longas e sensualíssimas movimentações da câmara – logo na abertura, um plano-sequência para Teri Garr, outro para Frederic Forrest, num prenúncio da estrutura simétrica de todo o filme – vê-se bem essa obsessão de Coppola. Num filme de espelhos e duplicações, a engenhosa maneira que Coppola (e, não esquecer, o director de fotografia Vittorio Storaro, que aqui assina um trabalho absolutamente magistral) encontrou para gerar, dentro do plano, essa duplicação (as sombras que delimitam espaços diferentes dentro do mesmo plano, por exemplo), é uma das coisas mais extraordinárias que aqui há para ver – como se houvesse uma espécie de contracção do "raccord" e dois planos pudessem existir *no mesmo plano*. Virtuosismo gratuito, mesmo a pedir um "flop"? Até prova em contrário, haverá melhor maneira (cf. a sequência da noite da separação) de sugerir os laços, misteriosos e invisíveis, que aproximam duas criaturas que tudo parece contribuir para afastar?

Luís Miguel Oliveira